



O rei menos o reino (*)

Cyro Pimentelⁱ

O Sr. Augusto de Campos estreia com um livro extremamente perturbador e inquietante, "O rei menos o reino" (Edições Maldoror, São Paulo, 1951). Sua poesia é a do homem arrastando o destino como se ele fosse o arsenal de seu corpo ensanguentado das desgraças da vida, o homem como sombra - Poeta – "que jaz, sendo vivo".

A angústia será a contemplação da própria dor, o sentir humano da inutilidade da vida, a tristeza do poeta consciente de ser o Rei sem o Reino, o amigo e o inimigo de si próprio, o desdobramento da personalidade para o encontro do que outrora foi, essas aflições estão nos poemas plenos de autenticidade interior de Augusto de Campos. O poeta diante de tudo isso não idealiza uma outra pátria, contempla frente a frente a sua realidade, não sugere fugas e nem sonhos, resiste com a sua tremenda força verbal e humana à avalanche dos acontecimentos naturais, suporta como ser e poeta a vida passando, furacão de Angústia, de Desespero e de Tédio:

ANGÚSTIA – eis a flor marcada a ferro
Que um vento solitário, o DESESPERO,
Incrustou numa pedra nua, o TÉDIO
ANGÚSTIA: eis a flor cortada a serra
A flor. A outrora flor. A redondezas
Aromas alvas sedas flor? Outrora,
Um vento sem pousada, trabalhou-a
Recortou com mais calma suas linhas
E desdobrou esta ferida: ANGÚSTIA."

Esta poesia onde sentimos a comunhão do sofrimento, de uma dolorosa verdade, escrita na solidão do templo, parecerá a muitos de um realismo vivencial excessivo, desde que foi escrita por alguém onde a experiência humana é pouca, mas a idade não importa, porque Augusto de Campos, com seus vinte anos, é de um amadurecimento espiritual, de uma clarividência dos acontecimentos humanos que o fazem gritar diante da impassibilidade dos homens que apenas sabem "uivar a alegria". O sofrimento de existir faz o artista sonhar-se com orgulho o deus de si mesmo, saber suportar as paredes que vêm sobre os seus pulsos de carne, apesar de

**"As paredes não param. Caminham sobre mim
Sonham que eu hei de abri-las. Ignoro mas sei."**

Essa consciência de desespero, de frustração ante a vida oca e sem consequência espiritual que alguns novíssimos têm demonstrado em livros publicados a partir de 1948, como oposição à tranquilidade da mensagem fria dos poetas da "geração de 45", mostra a participação do artista no mundo atual, onde lutam o caos do absurdo e a mancha da corrupção social, humana e espiritual. Desse protesto "alto, como a altura de um grito" participam um Décio Pignatari, um Thiago de Melo, um Reynaldo Bairão e uma Adelaide P. Lessa que, com suas mensagens de ou de melancólica beleza ou de inquietante desajuste no mundo, ou de aflito pensamento de exílio confirmam a presença de uma novíssima poesia de que são prisioneiros os poetas da última geração.

A muitos a poesia de Augusto de Campos parecerá de difícil comunicação. Sim, é uma poesia para solitários, para aqueles que trazem em si o livro onde caem as lágrimas das desgraças humanas, traz a recompensa de uma mensagem de consolo, de fraternidade para com os outros que, silenciosamente, sem palavras, sonham a sua própria morte.

ⁱ Poeta nascido em São Paulo, publicou "Poemas" (1948), Signo Terrestre (1956) e Árvore Nupcial (1966), "Poemas Atonais" (1979), entre outros, todos pelo Clube de Poesia. Em 1985, publicou a antologia poética "Paisagem Céltica" (Roswitha Kempner Editores). Recebeu o Prêmio "Pen Club de São Paulo". Ingressou na Academia Paulista de Letras em 1985. Participou da 1ª. Exposição de Poesia Ilustrada, no Clube dos Artistas, ao lado de Sérgio Milliet, Décio Pignatari, Darcy Penteado e Ademir Martins. Criou em 1976 a Revista "Poesia e Crítica", com Domingos Carvalho da Silva e Afrânio Zuccolotto.